# Telejornalismo Interpretativo em prol do desenvolvimento[1]

Flávia Teixeira Trindade Guerra[2]
Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, MG

**Resumo**

O presente estudo visa avaliar as condições para o jornalismo interpretativo dentro da televisão brasileira, utilizando-se do Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão como objeto de estudo. Para entender as características e potencialidades desse telejornal, foram analisadas 12 edições com abordagens quantitativas e qualitativas. Baseado na idéia de que o jornalismo não só fornece informação como também forma opinião, o telejornalismo interpretativo seria necessário, na medida em que, a TV é para muitos brasileiros o único meio de acesso à informação. A compreensão da multiangularidade dos fatos seria essencial para o bem comum e o desenvolvimento da sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Telejornalismo; Jornalismo Interpretativo; Jornal Nacional.

Antes de avaliar as potencialidades para um jornalismo mais interpretativo dentro da televisão brasileira, mais especificamente dentro do Jornal Nacional, é preciso definir o que significa jornalismo interpretativo.

Luiz Beltrão é um dos autores que mais se dedicaram na direção de um jornalismo socialmente responsável e, em poucas palavras, ele define jornalismo interpretativo e descreve o que deveria ser feito pelos agentes da informação. “O jornalismo interpretativo é o objetivismo multiangular da atualidade apresentado pelos agentes da informação pública para que nós próprios, os receptores, o analisemos, julguemos e possamos agir com acerto”. (BELTRÃO, 1980, p.46)

Dessa forma, o receptor precisaria ter acesso às causas e conseqüências do fato e ao maior número de angulações e pontos de vista possíveis para que possa ter sua própria opinião sem agir por paixões desmedidas criadas por matérias sensacionalistas, tendenciosas ou pobres em informação.

Em relação à função do jornalismo, Beltrão aponta para a possibilidade de desenvolvimento que ele pode trazer.

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Recém-graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Facom/UFJF, email: flaviatguerra@gmail.com

> Exercendo-se pela difusão de informações e comentários em torno da atualidade, o jornalismo tem por objetivo precípuo informar e orientar as populações de uma região determinada e de todo o mundo. A opinião nasce do conhecimento de fatos e situações, que o receptor confronta com uma ideologia. Esta ideologia resulta, por sua vez, de crenças e anseios individuais que, traduzidos em códigos, programas e ações grupais, vão resultar em cultura. O jornalismo traz a essa cultura grupal não só a atualidade dela própria como a alienígena, com vistas a esclarecê-la de modo a que a opinião se manifeste publicamente, dinamizando a atividade coletiva **no sentido do progresso**, da paz e da ordem social. Em resumo, o jornalismo tem como objetivo a **promoção do bem comum**. (BELTRÃO, 1980, p.14, grifo nosso)

Com a intenção de observar na prática o que acontece nas transmissões do *Jornal Nacional*, seja em relação ao formato ou ao conteúdo, foram analisadas 12 edições, do dia 3 à 15 de maio de 2010, lembrando que o telejornal é veiculado de segunda a sábado. A escolha desse período foi até certo ponto aleatória, na medida em que a única preocupação foi a de evitar muita proximidade com a Copa do Mundo, o que poderia afetar a análise devido às matérias relacionadas ao evento.

Por ter que cobrir os acontecimentos de todo um país com a extensão do Brasil e com uma área de cobertura extensa como a da Rede Globo, o *Jornal Nacional* teria que filtrar uma infinidade de acontecimentos, definindo o que seria ou não relevante para um telejornal assistido por milhões de brasileiros. Assim, o tempo de cerca de 33 minutos que Bonner (2009) diz ter em média para a veiculação do *JN*, parece ser consideravelmente reduzido para atender toda a demanda de informações de uma sociedade com características regionais tão peculiares e interesses tão diversos.

Para se fazer uma análise mais criteriosa, foi feita uma separação entre notas e matérias. O intuito era separar quantos e quais os assuntos que receberiam uma abordagem mais completa por serem apresentados como matéria (reportagem) ou menos detalhada ao serem transmitidos como nota[3]. Além disso, os números permitem atentar para o ritmo do telejornal e o grau de detalhamento das matérias.

Foram 215 notícias veiculadas no total. Se desconsiderarmos as previsões do tempo que não foram classificadas nem como nota e nem como matéria, seriam 203 notícias sendo 56,15% delas apresentadas em forma de reportagem e 43,84% como notas.

[3] As notas são informações lidas pelos apresentadores que podem ou não apresentar o auxílio de display ou imagens editadas. Algumas notícias são apresentadas como notas por não ter sido possível a coleta de imagem.

Esses números apontariam para um ritmo acelerado já que muitas notícias são lidas pelos âncoras em questão de segundos. “O que importa, nos atuais programas de telejornalismo, é o impacto da imagem, assim como o ritmo de sua transmissão”. (ARBEX, 2005, p.52)

São vários os autores que destacam a superficialidade das notícias veiculadas na TV como caminho para evasão. Arbex critica o que ele chama de “exaltação da novidade” presente no jornalismo em geral como criadora de uma “amnésia permanente”.

> A “exaltação da novidade” cria outro paradoxo: a produção de uma quantidade brutal e incessante de informação também produz a “amnésia permanente”. É claro: se o que interessa é a “novidade”, e essa é produzida industrialmente – a cada dia, hora ou minuto-, o telespectador / leitor é convidado a abandonar qualquer reflexão sobre determinado evento, para sempre se entregar ao “novo”. Isso poderia dar a impressão de que a sociedade é beneficiada por uma pluralidade imensa de pontos de vista distintos, possibilitados pela disputa entre as empresas da mídia pela originalidade da notícia. Mas não é assim que as coisas acontecem, até porque a sensação de “falta de tempo” para entender a fundo uma notícia estimula o recurso ao clichê, ao preconceito, à reiteração de concepções já formadas. (ARBEX, 2005, p. 89)

Coutinho acredita que o elevado número de informações fragmentadas, dentro do telejornalismo, levaria a uma compreensão apenas intuitiva da realidade. “Dessa forma, as notícias de televisão podem se constituir em um estímulo à evasão, na medida em que seriam também um convite ao “sonho”, a partir dos fatos sempre urgentes”. (COUTINHO, 2003, p.55)

Traquina também ressalta os mesmos problemas:

> Controlado pelo relógio, dedicado ao conceito de atualidade, obcecado pela pergunta “o que há de novo?”, o jornalista e as empresas jornalísticas para as quais trabalham dão, sobretudo, importância ao objetivo de produzir as notícias sobre os acontecimentos mais recentes. E na resposta aos seis “servidores” habituais do lead noticioso, os dois (como? por quê?) que mais carecem de explicação são precisamente aqueles que o leitor quer da notícia e menos encontra. (TRAQUINA, 1993, p. 167)

Em relação às matérias veiculadas nesses 12 dias, houve uma média de 2 minutos de duração de cada uma delas se desconsiderarmos as matérias no formato série de reportagem, que costumam ser mais extensas.

As notícias foram classificadas dentro de onze editorias distintas: Política, Economia, Ciência e Tecnologia, Internacional, Esporte, Educação, Meio Ambiente,

Saúde, Crime, Cultura e Brasil. Esta última foi usada para abranger os assuntos que não se enquadravam nas demais editorias.

Se considerarmos as reportagens como assuntos que mereceram maior destaque e maior aprofundamento, através delas podemos notar as editorias mais valorizadas pelo *Jornal Nacional*.

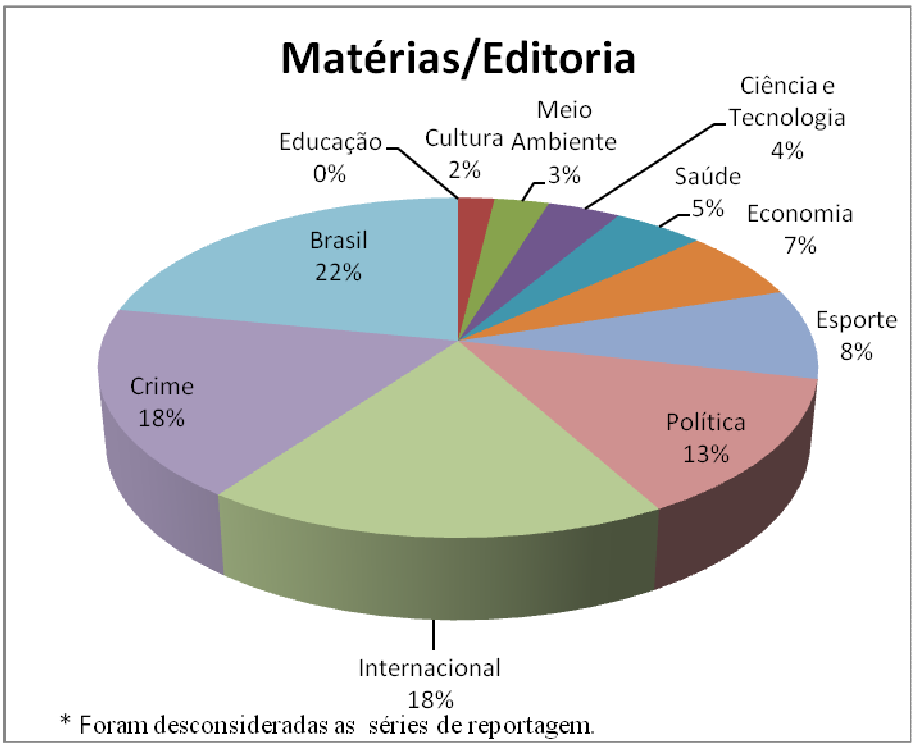


Figura 1: Relação de matérias por editoria

A editoria Brasil foi a que apresentou o maior número de reportagens com 22% em relação ao total, o que corresponde a 23 matérias. As editorias Crime e Internacional dividiram a segunda posição com 19 matérias cada. Cultura teve 2 matérias e Educação ficou em último lugar com nenhuma matéria exibida.

Em relação às notas, a distribuição das editorias não varia muito. A editoria Internacional ganha ainda maior destaque com 25 notas, como mostra o gráfico abaixo.

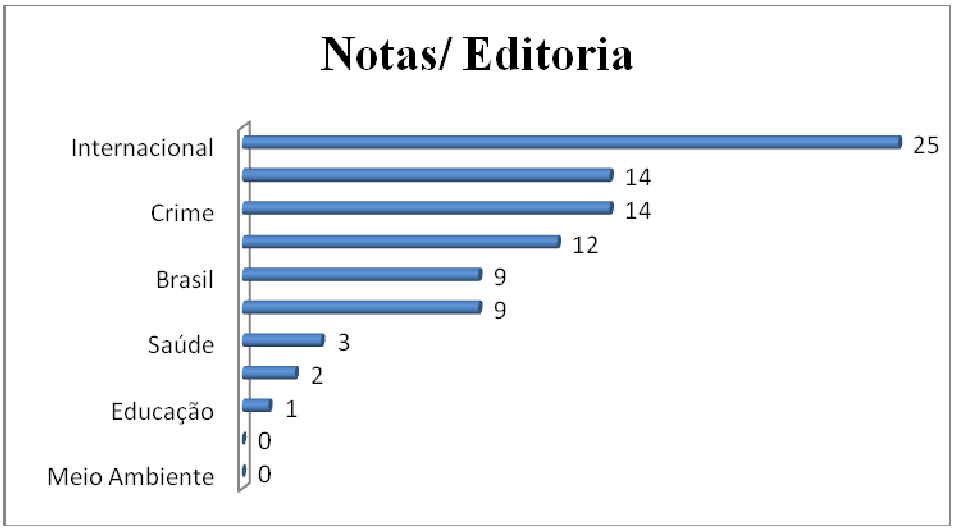


Figura 2: Relação de notas por editoria

Com isso, podemos inferir que os crimes e os assuntos internacionais têm um considerável destaque dentro do *Jornal Nacional*. Ao passo que, assuntos como Educação e Cultura são completamente negligenciados.

**O formato série de reportagens**

Série de reportagens é uma classificação feita pelos próprios apresentadores do *Jornal Nacional* para se referirem às matérias a respeito de algum tema, que são veiculadas em capítulos durante determinada semana. Além disso, essas matérias costumam ter uma duração maior que as reportagens comuns. Tudo isso, permite uma contextualização bem ampla do fato abordado.

Coutinho (2008) enxerga as séries de reportagem como uma possibilidade de implantar o jornalismo interpretativo na TV.

> [...] o formato série de reportagem televisiva poderia ser uma possibilidade para a prática de um telejornalismo interpretativo, na medida em que o tempo total de exibição dos capítulos seria uma forma de buscar o aprofundamento em narrativas que, pela sua brevidade, seriam de acordo com muitos superficiais. (COUTINHO, 2008, p.5)

O telejornalismo interpretativo seria uma forma de potencializar a ação dos cidadãos a partir das informações às quais ele se depara diariamente, na busca do desenvolvimento.

> Certo é que a proposta do jornalismo interpretativo, seja em mídia impressa ou televisiva, envolve a crença na participação dos meios de comunicação de massa em um processo de caráter mais **formativo**, capaz de autonomizar o público. Este, ao entrar em contato com as mensagens do jornalismo interpretativo, poderia interpretar a realidade e sobretudo agir sobre ela, de forma a buscar sua melhoria. É nesse

> sentido que acredita-se que o telejornalismo interpretativo poderia representar uma releitura da proposta de comunicação para o **desenvolvimento**. (COUTINHO, 2008, p.6, grifo nosso)

Nas duas semanas de análise, o *Jornal Nacional* apresentou uma série de reportagem para cada semana. Na primeira, o tema discutido foi a situação do lixo no Brasil e no mundo, mostrando os problemas e apontando as soluções. Dentre as 5 reportagens veiculadas, 3 foram gravadas no Japão, EUA e Espanha. As outras duas foram feitas em São Paulo e Nova Iguaçu (RJ).

Na segunda semana, o tema escolhido foi a vida dos jogadores escalados para a Copa do Mundo de 2010. A importância do futebol dentro do cenário cultural brasileiro é indiscutível. Dessa forma, os jornalistas do *JN* justificariam a decisão por dar uma abordagem tão ampla à vida desses jogadores.

No entanto, há quem possa criticar a escolha dos editores com o argumento de que existem na televisão outros programas voltados para esse tipo de abordagem. Afinal, a revelação da vida pessoal desses jogadores é marcada por uma forte carga dramática, típica de uma infância pobre e um presente de glória, seja pelo dinheiro ou pelo sucesso. Tudo isso, aponta para a espetacularização dos telejornais criticada por diversos autores. Coutinho retoma Canavilhas para falar da informação-espetáculo como forma de atrair o público.

> Segundo o autor português a espetacularização da notícia em televisão seria conseqüência do domínio da observação sobre a explicação. Isso porque fatos ou aspectos insólitos, excepcionais ou chocantes seriam utilizados como artifício da mídia televisiva para conquistar, e manter, seu público. Para tornar espetacular a notícia, a TV recorreria, além da seleção de **dramas humanos**, ao uso de transmissões ao vivo e à **dramatização**, que assumiria o papel principal nesse processo. (COUTINHO, 2003, p. 63, grifo nosso)

Com isso, para haver um telejornalismo interpretativo a favor do desenvolvimento seria preciso evitar a "substituição de elementos informativos importantes por outros que só têm como objetivo levar o indivíduo a evadir-se de suas obrigações para com a comunidade e para consigo próprio". (ALTARES apud BELTRÃO, 1980, p.76)

Nota-se a necessidade primeira de avaliar cuidadosamente quais os assuntos que precisam de um maior detalhamento para a interpretação do público, para que o telejornalismo interpretativo exerça sua função que vai muito além de informar.

## As fontes como resultado de uma visão multiangular

As fontes podem ser uma forma de dar credibilidade ou não às informações veiculadas. Quando a fonte apresentada é uma pessoa, o telespectador tem a possibilidade de avaliar se a fonte é confiável ou não, além de demonstrar se a matéria permite a observação multiangular dos fatos através da confrontação de idéias e opiniões.

Nesse sentido, foram contabilizadas as fontes ouvidas em cada matéria. Para uma análise que possa tender ao que acontece não só nas 12 edições, mas no JN de forma geral, foram excluídos o "povo fala"[4], por serem fontes com pouca carga informativa e as séries de reportagens, para não desigualar o equilíbrio[5] que se costuma dar entre as editorias.

Com essas ressalvas, o gráfico a seguir mostra a média de fontes ouvidas por matéria em cada editoria.

**Média de fontes por matéria/Editoria**

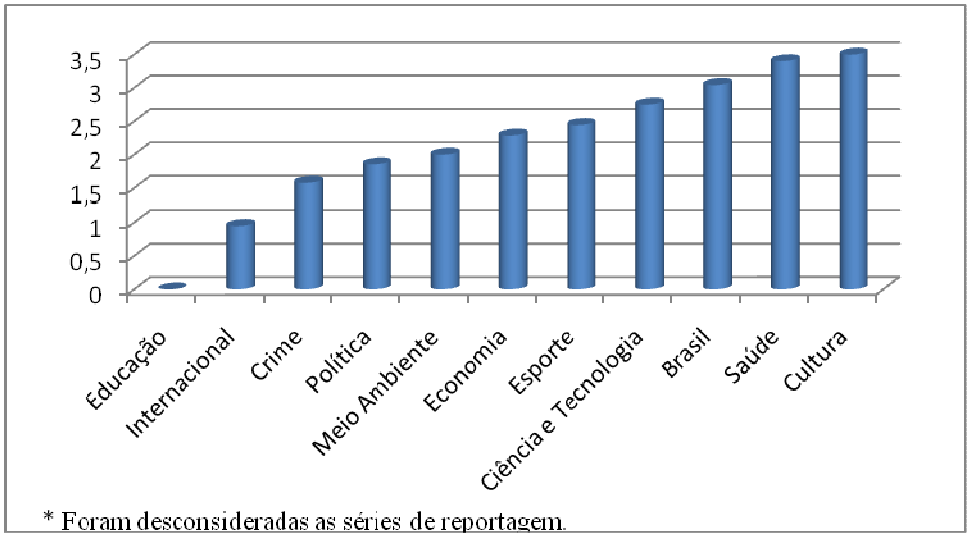


Figura 3: Relação de fontes por matéria em cada editoria

Comparando os três gráficos apresentados, pode-se inferir que o número de fontes não seria determinante para os editores do *Jornal Nacional* na seleção das notícias que vão ser apresentadas como notas ou matéria. Basta observar as matérias

[4] O povo fala também é importante no processo de compreensão das matérias, no entanto, são várias pessoas com um espaço muito curto para se manifestarem. Assim, foi excluído para não comprometer a quantificação do número de fontes.

[5] Se considerássemos a série sobre a vida dos jogadores daríamos uma relevância maior à editoria de Esporte que na verdade acontece somente nesse caso excepcional.

internacionais que têm uma relação de menos de uma fonte por matéria. Mesmo assim, a editoria foi a segunda no ranking das veiculadas em forma de reportagem.

Essa questão fica ainda mais nítida se considerar que das 19 reportagens enquadradas na editoria Internacional, 9 não davam voz a nenhuma fonte.

William Bonner revela uma função didática do telejornalismo diante de alguns assuntos:

> [...] é um público que tem grandes dificuldades de entender temas complexos, grande dificuldade de abstração para temas que exigem abstração, para macroeconomia, por exemplo. Então, nesses momentos, temos de triplicar a atenção e traduzir as coisas aparentemente simples (BONNER apud TRAVANCAS apud COUTINHO, 2008, p.10)

No entanto, essa afirmação estaria em descompasso com o número de fontes ouvidas nas matérias de Economia, se comparada com a editoria de Esporte que teria informações menos "abstratas" nas palavras de Bonner.

Política é um tema com relativa carga conflitual se considerado o grande número de opiniões que deveriam ser reveladas pelos diversos partidos, especialistas e cidadãos, nas suas diversas formas de inserção, para a contextualização dos fatos. No entanto, essa editoria apresenta o segundo menor número de fontes por matéria, considerando que Educação não apresentou fontes por não ter nenhuma matéria.

**O descaso na construção das matérias**

No dia 3 de maio de 2010, a terceira matéria do terceiro bloco tem como tema: "Seminário alerta para ameaças de censura a meios de comunicação na América Latina". A reportagem de André Luiz Azevedo fala da homenagem feita ao ministro do Supremo Tribunal Federal, Carlos Brito, por ter sido o relator que aboliu a Lei de Imprensa. O vice-presidente das Organizações Globo foi quem entregou a placa ao ministro. Na passagem feita pelo repórter, fica claro que o evento foi realizado para chamar a atenção para as situações de censura na América Latina. No entanto, nenhuma fonte esclarece a situação do Brasil nesse contexto deixando os brasileiros à espera da informação que mais lhe interessa, o contexto nacional.

Alguns assuntos encontraram espaço em mais de um dia desses 12 utilizados na realização do trabalho. Um deles foi o caso da procuradora aposentada que teria supostamente agredido a criança que pretendia adotar. No dia 4, a reportagem falava sobre o pedido de prisão feito pelo Ministério Público e, no dia 5, reportagem sobre a prisão decretada. A informação de que ela era considerada foragida se repetiu

nos dias 6 e 7 na forma de nota coberta, com imagem e texto muito parecidos. No dia 10, o assunto voltou a ser tratado no *JN* com reportagem de 1'58'', para falar que o pedido de *Habeas Corpus* do advogado da promotora fora negado.

Se considerarmos que o teor informativo era pequeno, já que a única novidade sobre o caso seria o pedido de *Habeas Corpus* negado, as informações poderiam aparecer em forma de nota coberta sem prejuízo para o telespectador. Assim, notas veiculadas naquele dia como uma chacina em São Paulo, o corpo de uma mulher que foi encontrado em uma mala, a morte de mais de 100 pessoas no Iraque e outras, poderiam se transformar em matéria dando maior contextualização aos fatos. Haveria também a possibilidade de entrar com alguma notícia que ficou de fora por causa do tempo limitado.

Outro drama que fez parte do *JN* foi o do aposentado que usava marca-passo e foi baleado na cabeça por um vigilante do banco em que ele era cliente. A forma em que os acontecimentos são revelados poderia levar a conclusão de que o vigilante agiu de má fé e que o aposentado foi, a todo o momento, vítima da situação. O fato de o aposentado usar um marca-passo já seria um fator de comoção diante do público. Somado a isso, a matéria não conta em nenhum momento a versão do vigilante, apenas a do aposentado. Assim, a impressão que passa é a de que não houve nenhum motivo para que o vigilante tenha sacado a arma, como uma atitude irracional ou maldosa.

Essa idéia parece improvável na medida em que o segurança do banco estaria trabalhando e não teria nenhum interesse pessoal em cometer o crime. Se o que ocorreu foi um crime bárbaro ou um mero acidente não caberia aos jornalistas dizer. O papel do repórter seria o de informar todas as versões possíveis de serem apresentadas, para não veicular uma matéria tendenciosa comprometendo a opinião do receptor.

No dia seguinte, a notícia rendeu duas reportagens de abertura do telejornal, uma retomando o acontecido e outra sobre os problemas de quem usa marca-passo. A primeira mostrou as deficiências na capacitação dos vigilantes de bancos, mas ainda remetendo ao caso sem explicar o por quê da ação do vigilante, seja ela uma razão pertinente ou não. A segunda falou da inadequação dos bancos e aeroportos em relação aos seus detectores de metais para lidarem na situação de haver um cidadão com marca-passo.

Apesar da carência de uma informação importante, essas matérias representariam uma tentativa de dar uma maior interpretação a um fato pontual: o aposentado baleado no banco.

A respeito da dificuldade em se ter um olhar crítico sobre as informações veiculadas pela mídia, Arbex fala da necessidade em "garimpar" a "verdade da notícia".

> A possível crítica dos conteúdos veiculados pela mídia sempre dependerá, evidentemente, da qualidade dos recursos interpretativos que o leitor puder mobilizar. O leitor pode "garimpar" a "verdade da notícia" mediante a confrontação da versão construída por determinado veículo, com a versão apresentada por outros veículos de comunicação e com os seus próprios conhecimentos e convicções. Mas esse processo só será eficaz se mantiver no horizonte a idéia do trabalho jornalístico sempre como o resultado de uma rede extremamente complexa de interesses [...]. (ARBEX, 2005, p. 136)

Em relação às notícias internacionais, a visita do Papa Bento XVI a Portugal, do dia 11 ao dia 14, foi toda coberta pelo *JN*. Nos três primeiros dias, as notícias foram transmitidas em forma de matéria e no último como nota coberta.

A primeira reportagem fala da chegada do Papa à Portugal e sua declaração em relação aos escândalos de pedofilia da Igreja. A partir do segundo dia, as informações se restringiam a orações e outras formalidades pela qual o chefe do vaticano passou. Além disso, apenas a condenação do Papa ao aborto e ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, informação que não traz nenhuma novidade. Mesmo assim, o *JN* deu espaço para mais duas matérias e uma nota coberta.

Por outro lado, as manifestações violentas de opositores contra o governo tailandês, que somavam 25 mortos e mais de 100 feridos foram transmitidas em uma nota de 30 segundos no dia 14 de maio e 24 segundos no dia 15. Informações como o por quê os "camisas vermelhas" exigiam novas eleições e o que os cidadãos em geral teriam a dizer foram negligenciadas.

No entanto, as manifestações devido ao arrocho financeiro do governo grego levaram à produção de duas matérias[6], uma de 3'24'', no dia 5; e a outra de 4'25'', no dia 6. A morte de três pessoas foi transmitida sem muita relevância no dia 5. A reportagem dava mais ênfase às imagens de violência e ao barulho dos tiros. No outro dia, quando não havia sinais de violência, o drama das três mortes ganhou um destaque bem maior.

Em momento algum foi perguntado às fontes qual seria a alternativa sugerida por eles já que não concordavam com as decisões tomadas pelo governo. Mostrar uma manifestação e não dizer os argumentos de quem faz ou de quem sofre as reivindicações deixaria margem para dúvidas.

[6] A crise na Grécia atingiu o mercado financeiro como um todo e, por isso, foram feitas outras matérias e notas com um enfoque mais econômico.

Foi o que aconteceu também com a manifestação dos trabalhadores rurais em Brasília, no dia 12 de maio, que rendeu uma nota de apenas 15 segundos.

Na editoria de política, uma matéria sobre greve de servidores públicos teria destaque pela sua parcialidade na escolha das fontes e nos textos do off e da passagem. As informações se limitavam a quanto custaria o aumento dos salários aos cofres públicos e à posição do governo de não querer ceder diante dos grevistas. As fontes ouvidas foram o Presidente da Câmara, deputado Michel Temer, e o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo. Nenhum grevista teve a oportunidade de falar nem de forma direta e nem indireta através do texto do repórter.

Também sobre política nacional, no dia 13, foi feita uma nota falando que pela primeira vez em 22 anos um parlamentar foi condenado pelo Supremo Tribunal Federal porque teria desviado verba pública. Essa informação daria margem para trazer para a atualidade, que é inerente ao jornalismo, o tema de corrupção no país. Tornaria possível a produção de matérias mostrando o que aconteceu com diversos outros parlamentares que sofreram denúncias de corrupção, conforme foi feito com a matéria sobre o aposentado baleado.

Warren Breed fala do descompromisso da imprensa e conseqüente falta de motivação dos cidadãos: “[...] o cidadão não tem sido suficientemente motivado pela sociedade (e a sua imprensa) a exigir a informação de que precisa, e a fazer a distinção entre informação válida e informação supérflua, para a realização do papel de cidadão”. (BREED, 1993, p.164)

Para além das matérias e notas, o telejornal teve seu tempo de transmissão ocupado por outros produtos, jornalísticos ou não. Na contabilização das notícias em apêndice, não foram consideradas as chamadas para os campeonatos de futebol nas quartas-feiras, nem os anúncios de outros produtos jornalísticos da Rede Globo de Televisão, como *Globo Mar*, *Globo Esporte*, *Fantástico*, *Profissão Repórter* e *Globo Repórter*.

No primeiro caso, apesar de apresentar algum conteúdo informativo, as chamadas para os jogos de futebol teriam o intuito maior de atrair o público para assistir à partida do que informar. No outro caso, as chamadas teriam características publicitárias que as excluiriam de qualquer caracterização jornalística.

Apresentar essas chamadas para outros programas jornalísticos tiraria do *Jornal Nacional* um tempo que poderia entrar alguma informação que ficou de fora do espelho ou um maior aprofundamento em alguma notícia que teria ficado superficial. A

veiculação de informações não jornalísticas, dentro do *Jornal Nacional*, apontaria para uma possível desvalorização da informação, valor absoluto de qualquer telejornal.

No dia 12, após um dos capítulos da série de reportagem sobre a vida dos jogadores da seleção, Fátima Bernardes convida os telespectadores a visitarem o portal de esportes da Globo para mais informações. No final de cada bloco, o telejornal apresenta sua vinheta de duas formas diversas: com a logo do JN ligada a alguma imagem que chama para o próximo bloco ou a logo em destaque com o endereço do site[7] do telejornal.

Essa tentativa de atrair[8] o público ao site poderia passar a idéia de que as informações transmitidas não são suficientes. Então, quem não tem acesso a internet se sentiria marginalizado e para quem pode acessá-la ficaria a pergunta: se a internet tem todo o conteúdo transmitido no telejornal e outras informações, para que assisti-lo na TV?

**Entrevista: uma formatação atípica no Jornal Nacional**

O formato do *Jornal Nacional* não inclui entrevistas em estúdio, salvo casos excepcionais. O próprio cenário demonstra essa questão, lhe bastam uma bancada e duas cadeiras. Não é como o Bom Dia Brasil que tem um espaço a parte para entrevistas em estúdio.

Apesar disso, no dia 11 de maio, o telejornal apresentou uma entrevista com o técnico da seleção brasileira de futebol, Carlos Caetano Bledorn Verri, mais conhecido como Dunga. O ex-jogador havia anunciado naquele dia quem seria escalado para a Copa do Mundo. Assim, a entrevista foi feita no primeiro bloco após matéria sobre os convocados.

Quais seriam as perguntas mais corriqueiras para uma entrevista pós-convocação? Por quê determinado jogador entrou e por quê algum favorito ficou de fora pertenceriam a esse grupo de perguntas óbvias. Mas, Fátima Bernardes e William Bonner optaram por perguntas mais genéricas. Perguntaram se o técnico chegou a pensar em convocar atletas tão jovens como Ganso e Neymar; qual o ponto forte do time; como ele vê a seleção brasileira; como é ser treinador da seleção ou a semelhança do atual time com a seleção de 1994.

[7] g1.com.br/jn
[8] O diretor geral de jornalismo e esporte, Carlos Henrique Schroder, além de ser um dos responsáveis pelo Jornal Nacional, é também responsável pelo site.

A ausência de perguntas polêmicas seria, talvez, uma forma de cortesia e agradecimento ao treinador por ter concedido uma entrevista tão importante. Assim, os interesses do telejornal em criar uma boa relação com Dunga, que seria vantajosa durante os jogos da Copa, tomaram o lugar que seria de um jornalismo de qualidade, preocupado com os interesses do telespectador.

**Conclusão**

A partir da análise baseada na possível superficialidade das notícias veiculadas pelos telejornais, mais especificamente no *Jornal Nacional*, pôde-se perceber que já há em alguns momentos uma tentativa de dar às matérias, a visão multiangular que elas merecem.

No entanto, como os assuntos escolhidos e as formas de abordagem são provenientes de escolhas, elas são completamente passíveis de erros.

Uma das falhas mais nítidas dentro do *Jornal Nacional* seria o excesso de notas, que não permite ao telespectador digerir a informação da forma devida. Isso, talvez, justificaria a idéia do Bonner de que os receptores muitas vezes seriam apenas um corpo em frente à TV. Falta ao editor-chefe enxergar que a forma em que as notícias são apresentadas leva os telespectadores a esta evasão que ele mesmo sugere.

A quantidade exorbitante de notícias internacionais é um bom exemplo de que o compromisso com o cidadão não é verdadeiro. A impressão que passa é que os escritórios da Rede Globo de Televisão espalhados pelo planeta precisam justificar seus gastos de alguma forma. Além disso, há uma valorização do que acontece nos países de elite como é comum pelos próprios critérios de noticiabilidade. O problema é que mesmo quando outros critérios de noticiabilidade transformariam um fato que aconteceu em um país pobre em notícia, a visibilidade dada continuaria baixa.

As notícias de Política são em grande parte veiculadas como notas. Essa editoria é uma das que mais mereceriam espaço para matérias, pois tem uma forte carga conflitual. Os brasileiros têm por hábito criticar a política brasileira como corrupta. Apesar disso, pouco é feito pelos cidadãos para mudar a situação. Mostrar o que é feito em outros países para evitar a corrupção seria uma das matérias que deveriam estar pautadas pela mídia. O papel dos jornalistas não é só apresentar problemas, é apontar soluções.

Em Economia o descuido não é diferente. O *Jornal Nacional* apresenta matérias que demonstram uma tentativa de trazer para a realidade das pessoas as

conseqüências das políticas econômicas. Isso é muito positivo, mas, por outro lado, é indispensável apresentar uma visão mais geral da economia para que o telespectador possa entender se aquela ação do governo que gerou o aumento dos preços, por exemplo, foi ruim ou necessária naquele contexto. A forma em que são colocadas as informações deixa para os brasileiros uma visão completamente superficial da realidade.

Os crimes são outro assunto que chamou atenção. O grande número de notícias, a esse respeito, demonstra uma vontade de atrair o público através da sua emoção e não da razão que moveria a sociedade em direção ao desenvolvimento aqui proposto. Além dessa, outras editorias também tiveram matérias que davam destaque a algum fato dramático para atrair o público.

A justificativa de que o público não quer assistir nada que exija maior reflexão vem em decorrência das notícias que não distribuem informação e tempo da maneira devida. Algumas notas apresentam informações valiosas em poucos segundos enquanto que algumas matérias se estendem por demais, sem trazer quase nada de novo. Assim, o desinteresse do telespectador só tende a crescer e, se uma notícia o dispersa, na próxima dificilmente ele estará atento.

Temas como Cultura e Educação são negligenciados como se não tivessem importância para estes milhões de telespectadores que assistem ao *Jornal Nacional* todos os dias. Mais uma vez, demonstra que o telejornal está na contramão do desenvolvimento seja social, econômico ou cultural.

As diversas chamadas para outros programas da Rede Globo foram uma das formas mais visíveis do descompromisso jornalístico dentro do *Jornal Nacional*. O espaço para anúncios já seria ocupado durante os intervalos comerciais, não há por que estendê-lo para dentro do noticioso.

Com tudo isso, pode-se constatar que não há como ter uma precisão absoluta sobre o que seriam os fatos mais importantes que aconteceram no Brasil e no mundo. O editor-chefe do *JN* precisaria em primeiro lugar reconhecer essa deficiência inerente ao jornalismo para buscar a reavaliação constante do seu trabalho e de seus colegas.

Os jornalistas deveriam buscar no seu trabalho diário formas de se aproximar desse jornalismo ideal. O jornalismo interpretativo também se insere nessa situação como informação que vai muito além de informar, busca mover as pessoas para agirem de encontro aos seus compromissos como cidadãos e para com a sociedade. Por

fim, o jornalismo interpretativo na TV seria uma das grandes ferramentas sociais para buscar o desenvolvimento brasileiro.

## Referências bibliográficas

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. 4ª ed. São Paulo: Casa Amarela, 2001-2005, p. 290.

BELTRÃO, Luiz Beltrão. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1980. p. 122.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009. p. 247.

BREED, Warren. Controle social na redacção. Uma análise funcional. In: _____. TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993. p.152-166.

COUTINHO, Iluska. Séries de reportagem em televisão: Reflexão sobre um possível telejornalismo interpretativo. In: XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 2008, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2008. p.13.

_____. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV**. Tese de doutorado (Umesp). São Bernardo do Campo, SP, 2003. p. 48-82, 158-195.

DUARTE, Elizabeth Bastos. Dos Telejornais: entre temporalidades e tons. In: XV ENCONTRO DA COMPÓS, 2006, Bauru, SP. **Anais...** Bauru: Unesp, 2006. p.13.

REDE GLOBO. Seção comercial. Disponível em: <http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_jornalismo/jnac5_ap.php>. Acesso em: 13 maio 2010.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: _____. TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993. p.167-176.